

<> TEORIA DO CAOS & XADREZ DINÂMICO <>

Henrique Marinho

1- SISTEMA ABERTO

1.1- Ordem conceitual

11.1- Dinâmica não linear (complexidade)

111.1- Instável, imprevisível & incontrolável

111.2- Além do horizonte de eventos do jogador

111.3- Conexões (network) - tudo depende de tudo

111.4- Desequilíbrio & fonte de criatividade

11.2- Determinismo oculto (destino)

112.1- Dependência sensível das condições iniciais

112.2- Bifurcações & transformações radicais: "Lasciate ogni speranza voi che entrate" (Inferno, Dante Alighieri)

112.3- Auto-regulação (Prigogine, 1977)

11.3- Sintetização holística: "O Universo só pode ser sentido, entendido, interpretado como função estética do nosso espírito" (Graça Aranha, J. P.; *A Estética da Vida*; In *Obra Completa num Volume*; Instituto Nacional do Livro; Rio de Janeiro 1969; p. 617)

113.1- Estética do grande atrator: "Jogar para ganhar sem pensar na vitória" (H. Marinho, 1963)

113.2- Estética do pequeno atrator (interface jogador-posição): detecção e transporte pelos potenciais de situação

1.2- Ordem operacional

12.1- Constante operacional

121.1- Concentração de forças

121.2- Dispersão de forças

121.3- Linha exterior de comunicações

121.4- Linha interior de comunicações

12.2- Enxadrística da posição

122.1- Iniciativa: severidade & resistência

122.2- Coordenação das peças

2- RITMO DO XADREZ DINÂMICO

2.1- Solução filosófica (feedback positivo)

2.2- Solução analítica (feedback negativo)

CICLO DE PALESTRAS DO CLUBE DE XADREZ DE CURITIBA - 03 DE JUNHO DE 2009

<> Henrique Marinho - TEORIA DO CAOS & XADREZ DINÂMICO <>

- 001 - INTRODUÇÃO

Nas três palestras anteriores analisamos o xadrez dinâmico sob o ponto de vista cartesiano, mas também da visão sistêmica, inclusive com a elaboração de sua análise estrutural.

Agora tentaremos entrar na práxis do xadrez dinâmico. Não estamos falando em "prática" do xadrez dinâmico, que consiste em jogá-lo por vontade própria ou enfrentá-lo quando exposto na partida viva. Estamos falando em "práxis", na "teoria da prática" do xadrez dinâmico.

Diante disso é que se coloca a teoria do caos como práxis do xadrez dinâmico. Penso que sem a práxis a explicação do xadrez dinâmico ficaria incompleta, pelo menos obscura, como aconteceu inúmeras vezes no passado, sobretudo em torno de 1967, por desconhecer totalmente essa teoria e da complexidade.

- 002 - TEORIA DA COMPLEXIDADE

A revolução ao pensamento cartesiano-laplaceano-newtoniano, começa em 1900 com a Teoria Quântica de Max Planck, a física das probabilidades, onde o observador faz parte da realidade observada. Mais tarde a teoria quântica levou ao Princípio da Incerteza de Werner Heisenberg (1927): a realidade é incerta, imprecisa e imprevisível, e a matéria tem consistência apenas pelas conexões (relacionamentos) entre seus componentes.

Depois veio a Teoria da Relatividade criada pelo matemático francês Henri Poincaré e depois oficialmente descrita por Albert Einstein em 1905: tudo é relativo exceto a velocidade da luz no vácuo.

Em 1960, com a descoberta e decifração do DNA por Watson e Crick, percebeu-se que o que impulsiona o mundo é a informação.

E finalmente os estudos sobre o caos iniciados por Hadamard, Duhen e sobretudo Poincaré ao final do século XIX, colocando em dúvida o mecanicismo de Newton, acabaram por desaguar, em meados dos anos 60, na Teoria do Caos, Teoria das Catástrofes, Fractais e Lógica *Fuzzy*, que no conjunto configuram a denominada Teoria da Complexidade.

Todavia, nosso assunto é caos e xadrez dinâmico!

- 003 - HORIZONTE DE EVENTOS

Há duas classes de horizonte de eventos: do jogador e da posição.

O horizonte de eventos do jogador é dado por sua capacidade ou vontade de calcular partindo de uma determinada posição. Se traçarmos uma linha imaginária unindo todas as "posições pós-variante" (Romanowski) teremos a figura de um círculo, cujo perímetro é o próprio horizonte de eventos do jogador na

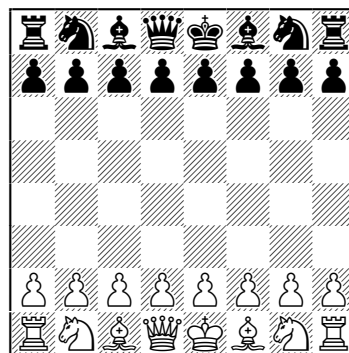
posição; a sua área a massa de cálculos realizada pelo jogador. Portanto o horizonte de eventos do jogador é claro e visível.

O horizonte de eventos da posição tem concepção semelhante à do "black hole" da física, quanto mais caótica a situação maior a abrangência desse horizonte. O horizonte de eventos da posição é um horizonte invisível e escuro.

- 004 - LACUNAS ANALÍTICAS

Em toda partida há uma espécie de "Il Cimento dell'Armonia e dell'Invenzione" (Vivaldi), uma disputa da harmonia e da invenção entre o jogador desejando harmonizar pelo cálculo e a posição desejando a invenção pelo caos. Nessa dialética ora vence o jogador ora vence a posição.

Como exemplo vamos tomar a posição inicial, como em qualquer posição, há uma seleção de lances considerados pelo senso comum e outros simplesmente descartados ou nem considerados.



Diag. 1- Posição inicial

Branças têm à sua disposição 20 lances iniciais, mas na grande maioria das vezes o senso comum considera tão somente 7 (35%): 1.c4, 1.d4, 1.e4, 1.f4, 1.g3 e 1.♘f3. Os demais 13 (65%), especialmente lances como 1.f3 ou 1.c3, são rotineiramente descartados ou nem considerados pelo senso comum.

São estes lances que, do ponto de vista do horizonte de eventos do jogador ou da "engine", formam as lacunas analíticas da posição. Se vistas desde a esfera do horizonte de eventos da posição, são os pseudópodas visíveis da verdadeira açambarcação que realiza o horizonte de eventos da posição, inclusive enganando o jogador no que ele pensa ser uma posição pós-variante favorável!

Diante disso, a figura imaginária de um círculo em torno da posição objeto da solução analítica como representativa do horizonte de eventos do jogador somente ocorreria no caso da posição ser 100% analisada. Mas isto é impossível, inclusive pelos "engines", pelo fator tempo no relógio e sobretudo pela força do senso comum, como o que temos um horizonte de

CICLO DE PALESTRAS DO CLUBE DE XADREZ DE CURITIBA - 03 DE JUNHO DE 2009

<> Henrique Marinho - TEORIA DO CAOS & XADREZ DINÂMICO <>

eventos descontínuo, cortado pelos pseudópodes do horizonte de eventos da posição. Então sua representação passa de um círculo para a de uma rosácea pelas importantes lacunas analíticas, os lances não considerados deixados entre suas pétalas. No exemplo, 1.f3 e 1.c3 formam duas lacunas analíticas da posição, e do outro ponto de vista, dois pseudópodes do horizonte de eventos da posição.

A lacuna analítica é o acidente que coloca a posição diretamente em contacto com o caos (sistema aberto) pela ausência, neste ponto, da blindagem do horizonte de eventos do jogador.

A quantidade de lacunas analíticas na posição cresce com o aumento dos lances regulamentares disponíveis e descartados pelo senso comum ou incompetência de calcular; em outras palavras, quanto maior o número de lances disponíveis na posição maior a quantidade dos lances não detectados principalmente por rejeição apriorística do senso comum. Resta dizer que a quantidade de lacunas analíticas também cresce proporcionalmente à quantidade dos meios-lances da variante calculada.

- 005 -

SISTEMAS FECHADO E ABERTO

O horizonte de eventos do jogador está sempre na fronteira entre os sistemas fechado e aberto de partida. Se o que acontece na partida está aquém do horizonte de eventos do jogador, esta partida caracteriza-se por ser um sistema fechado; se tudo decorre além daquele horizonte de eventos, a partida deve ser tomada como um sistema aberto. O sistema fechado começa no complexo jogador-posição e termina no seu horizonte de eventos. Em outras palavras: o sistema fechado está constituído pelo campo visualizado pela solução analítica do jogador sobre a posição, onde tudo o que acontece ou possa acontecer já está previsto e controlado. A partida interpretada como um sistema fechado tem seu método na dinâmica linear governada pela lógica e o mecanicismo cartesiano, laplaceano, newtoniano!

A partida como sistema aberto do raciocínio fundamenta-se nas eclosões da dinâmica não-linear, sendo assim governada, ou pretensamente governada, pela teoria da complexidade da qual destacamos a teoria do caos (ver item 002).

Devemos frisar que a partida, na sua totalidade, é um sistema fechado ou aberto quando ambos os adversários operam dentro ou fora de seus respectivos horizontes de eventos. Quando houver dissimetria entre ambos nesse procedimento, o prevalectimento da partida como sistema fechado ou aberto vai depender da conjuntura dominante. Por exemplo: no momento do arremate pelo jogador, predomina na partida o sistema fechado, a despeito dos desejos do adversário. Este exemplo induz à importante conclusão de que, em teoria, o sistema fechado de partida é superior ao

sistema aberto! Entretanto, pela imensidão do trabalho analítico, até para computadores, a prática trabalha independente dessa teoria, que não sendo a regra, vai depender da conjuntura!

- 006 -

ESTRATÉGIA DOS SISTEMAS FECHADO E ABERTO

Os conceitos sistema fechado e aberto são conceitos predicativos, meramente descritivos de situações que podem ocorrer na partida. Não devem ser tomados como sujeitos do raciocínio estratégico por não pertencerem a essa categoria. Além disso, como dissemos acima, ele pode definir a partida total ou apenas uma metade segundo o universo de cada jogador.

Com estas ressalvas podemos descrever a partida desde a dialética dos sistemas para colocá-la em evidência do ponto de vista do caos. Nesse sentido, já a posição inicial pode ser vista (ou entendida) como um sistema fechado ou aberto, dependendo da extensão do horizonte de eventos do jogador.

Como sistema fechado relaciona-se com a teoria das aberturas, logo o horizonte de eventos do jogador é proporcional a seu conhecimento teórico. *Mutatis mutandi*, o meio-jogo e final, em última instância, o conhecimento de todo o xadrez.

Como sistema aberto, a posição inicial (também as de meio-jogo e final) são tomadas pelo horizonte de eventos da partida. Na prática do sistema aberto, os jogadores ainda assim aplicam seus respectivos horizontes de eventos de forma mínima, limitado ao lance (meio-lance adversário, meio-lance do jogador, nessa ordem!), no máximo à "petite combinaison". Ou seja, na prática da partida joga-se mais do que se pensa num sistema aberto, onde jogador deixa acontecer as lacunas analíticas em seu descontínuo do horizonte de eventos.

No transcorrer da partida esta evolui ora como sistema fechado ora como sistema aberto, conforme jogador e adversário vão, ou não vão, produzindo surpresas um ao outro. Regra geral, apesar dessa dinâmica não linear, a partida sempre termina como sistema fechado devido à decisão tática, especificamente durante sua canalização para o resultado esportivo.

Muito antes de se chegar a esse estágio, já na teoria das aberturas busca-se a surpresa da "novidade", manejo este que resulta no jogador permanecer num sistema fechado onde tudo é supostamente pré-conhecido, deixando o adversário se arrebentar no caos do sistema aberto da partida. Neste momento me vem à mente o famoso Ataque Marshall na Ruy Lopez, e na sua origem diligentemente preparado pelo campeão americano e durante 18 anos analisado e guardado para ser especificamente jogado contra Capablanca! E mesmo assim o mestre cubano refutou sobre o tabuleiro porque deve ter entendido que a complicação era tanta que o melhor era tomar a partida como um sistema aberto e deixar as leis do caos dirigir as ações.

CICLO DE PALESTRAS DO CLUBE DE XADREZ DE CURITIBA - 03 DE JUNHO DE 2009

<> Henrique Marinho - TEORIA DO CAOS & XADREZ DINÂMICO <>

A tendência da dialética entre os sistemas fechado e aberto no xadrez moderno é:

(a) o jogador considerar a partida cada vez mais como um sistema fechado pelo uso intensivo da teoria das aberturas, cuja síntese dessa dialética seria a de deixar o adversário se debater num sistema aberto.

(b) o jogador praticar a mesma teoria das aberturas em moda para assim aumentar suas chances de poder aplicar uma "novidade". O sentido prático dessa "estratégia" é a transposição da "posição inicial" regulamentar para mais tarde na partida como "posição inicial da novidade", digamos, como se a partida tivesse início na posição de realização da novidade, fazendo assim a partida passar, para o adversário, bruscamente de um sistema fechado para um sistema aberto.

No caso da partida em estilo xadrez dinâmico devemos considerar, além da novidade prepara em laboratório, também o fator sacrifício inspiração momento na implementação do ritmo do xadrez dinâmico num ambiente de sistema aberto para ambos jogadores. Nesse caso temos de considerar duas situações:

(a) o sacrifício como "novidade teórica" é, salvo excessões, um "sacrifício simulado" (Spielmann) com a partida sendo forçada para um sistema aberto somente para o adversário enfrentar; logo, pela ausência do risco, caracteriza a partida, para o jogador, apenas parcialmente como um procedimento de xadrez dinâmico.

(b) o sacrifício, seja na abertura, meio-jogo ou final, portador de risco para ambos, logo um "sacrifício verdadeiro" (Spielmann), como ocorre nas partidas do grande Mikhail Tal, é o que caracteriza a partida como sistema aberto para ambos os adversários como verdadeiro xadrez dinâmico.

Aprofundando mais a descrição dialética dos sistemas fechado e aberto, uma observação que não pode deixar de ser feita é a de que a partida pode estar vivendo num sistema fechado, no que concerne à sua parte estratégica (planejamento) e, ao mesmo tempo, num sistema aberto na sua parte operacional (desenvolvimento do plano) de sua condução. Este ponto é particularmente importante pois na teoria do caos o planejamento estratégico nunca deve ser a longo prazo, com sequências de objetivos intermediários a serem conquistados, mas desde logo fundamentado numa idéia básica simples e direta, como fazia Tal.

Se o objetivo final é a vitória, e ambos sabem disso, tudo o que acontece para chegar lá é operacional, logo o sistema aberto residiria somente na parte operacional da partida. Somente naqueles casos em que o objetivo estratégico do jogador fosse absolutamente desconhecido pelo adversário, e isso pode acontecer, é que estaríamos numa partida sendo jogada como sistema aberto tanto estratégica como operacionalmente considerada! Este raciocínio todavia prevalece apenas por simetria teórica, porque o horizonte de eventos do

jogador, que define o sistema da partida como fechado ou aberto, é uma questão de solução analítica e não de solução filosófica!

Se considerarmos o objetivo final da partida como óbvio, por exemplo a vitória, e isso é um fato na maioria das vezes, poderemos "descartá-lo" como mínimo múltiplo comum de todas as partidas nessa lógica aritmética e, livre dele, ficaríamos somente com os objetivos intermediários para aplicarmos o mesmo raciocínio. Nesse caso o objetivo intermediário poderá ou não ser conhecido pelo adversário: se conhecido estaremos no mesmo caso do objetivo final; se desconhecido estaríamos no caso de uma partida em sistema aberto tanto estratégica como operacionalmente considerada. Embora esse desconhecimento seja quase que só em teoria, pode-se pensar em termos de máximo & mínimo, quando nem o jogador nem o adversário conhecem qualquer objetivo intermediário e, por isso, jogam apenas pelo ritmo do xadrez dinâmico com a confiança aguçada de que a qualquer momento uma decisão tática ocorrerá! Este caso, e o do desconhecimento do objetivo final, é a dialética que melhor reflete os casos de "iniciativa que se basta a si mesma" intensamente empregada por mim nos idos de 1963-1965, ou em duas palavras, o xadrez dinâmico a partir de 1967!

Uma importante situação da partida que pode ser explicada com auxílio da dialética dos sistemas fechado (teoria cartesiana) e aberto (teoria do caos) é o caso da combinação, definida por Botvinnik como "uma sequência forçada de lances com um sacrifício"! Sempre ficamos admirados quando Alekhine combinava: - Como isso pode acontecer?! E sempre ficamos sem resposta porque partimos do pressuposto cartesiano de que Alekhine calculava tudo! Mas a resposta àquela questão passa pela dialética dos sistemas fechado e aberto! Assim, o primeiro item a ser considerado é que quando a combinação aparece é porque ela já foi detectada e efetuada, logo já estamos na partida pelo sistema fechado e tudo resume-se no cálculo dos lances da combinação, uma solução analítica. No entanto, devemos observar o "segredo de Alekhine" substanciado no que ele fez para se aproximar daquele momento da combinação! Resposta: em termos cartesianos é o desenrolar de sua arte operacional; mas em termos caóticos, foi a tomada da partida como sistema aberto e posta em confronto dialético com os pensamentos geralmente cartesianos de seus adversários.

Apesar de todos estes raciocínios, gostaríamos de enfatizar que a dialética dos sistemas fechado e aberto é um procedimento meramente descritivo.

Não é o sujeito do raciocínio que empregamos na condução da partida (estratégia, arte operacional e tática), mas é um valioso instrumento pictórico para explicar o estilo xadrez dinâmico pela teoria do caos, e desta explicação retiramos os dividendos de sua regência.

CICLO DE PALESTRAS DO CLUBE DE XADREZ DE CURITIBA - 03 DE JUNHO DE 2009

<> Henrique Marinho - TEORIA DO CAOS & XADREZ DINÂMICO <>

- 007 -

O XADREZ DINÂMICO VISTO DESDE O CAOS

Grosso modo, o estudo do xadrez dinâmico, à luz da teoria do caos, é um estudo praxiológico a partir das estruturas apresentadas na página inicial deste artigo, mais as correlações dialéticas entre os sistemas fechado e aberto, acima estudados. Visto de outro ângulo, o xadrez dinâmico é o estudo de como jogar conscientemente em um sistema aberto e de como se conduzir quando inadvertidamente somos apanhados num sistema aberto.

O xadrez dinâmico, visto pelo caos ou cujo horizonte de eventos é o do caos, obedece a duas grandes estruturas: "sistema aberto" (estrutura 1) e "ritmo do xadrez dinâmico" (estrutura 2), como na página inicial do artigo.

Estas duas estruturas tem o mesmo sentido de serem, respectivamente, a "infra-estrutura" e a "super-estrutura" do estudo cartesiano do xadrez dinâmico, e o mesmo sentido marxista de a superestrutura ser um reflexo da infra-estrutura.

Se o jogador aderir às estruturas que conceituaram a partida como um "sistema aberto" estará jogando essa partida em "ritmo do xadrez dinâmico".

- 008 -

RITMO DO XADREZ DINÂMICO

Começando pelo final, o ritmo do xadrez dinâmico (estrutura 2) é uma espécie de apreciação estética da ofensiva que vai retratada pelos movimentos de peças e peões que se sucedem sobre o tabuleiro. Assim, o ritmo do xadrez dinâmico é uma propriedade estética da partida, logo externa ao jogador embora seja este o sujeito da ação mas por aderir ao "jogar para ganhar sem pensar na vitória". Este movimentar de peças e peões tem grande "autonomia" por estar livre das influências do "ego do jogador", esfacelado que foi em seu confronto direto com o grande atrator caótico (estrutura 113.1).

Essa liberdade ou independência entre o fazer e o não fazer (não fazer, fazendo; ou fazendo, não fazer), é chave da prática desassombrada do xadrez dinâmico, especialmente na sua totalidade como estilo Tal.

O xadrez dinâmico, por mais complexa que possa ser a trama comprometedora de seus lances, é um estilo posicional, onde as manobras são o ponto alto de sua referência. Nesse contexto, o "sacrifício verdadeiro" (Spielmann), típico do xadrez dinâmico sobretudo o de Tal, também é um lance posicional e não tático, apesar das más línguas dizerem o contrário. E sendo um estilo posicional, dominado pela manobra e o sacrifício (um tipo de manobra), somente poderia empregar a solução filosófica que, apesar de nada decidir, é a fonte do poderoso "feedback positivo" que aumenta os desequilíbrios posicionais e psicológicos promovendo a criatividade (estrutura 111.4), em

última instância incrementando a dinâmica não linear na partida e sua inserção como sistema aberto. De maneira prosaica, o ritmo de xadrez dinâmico, sobretudo o do estilo Tal, é a sensação de se jogar com a iniciativa, "a iniciativa que se basta a si mesma", e perceber, momento a momento, os desdobramentos defensivos do adversário na sua busca pelo esclarecimento das coisas.

Como todas as partidas, também a partida caótica em ritmo de xadrez dinâmico, tende à sua ordenação final num resultado esportivo. O fenômeno se dá pelo emprego da solução analítica (estrutura 2.2), eminentemente tática e produto do ego do jogador, que mata a partida pela conquista do seu objetivo final (ou resultado esportivo) ou avança-a em direção à seu fim pela conquista de seus objetivos intermediários como "feedbacks negativos" totalmente acabados. Nos procedimentos de aproximação da arte operacional, seja dos objetivos intermediários, mas principalmente do objetivo final, a fenomenologia se dá pela aplicação direta da solução filosófica causadora do intenso "feedback positivo" do xadrez dinâmico.

A idéia geral dessa movimentação por "feedbacks negativos e positivos", é o da luta do determinismo caótico contra a entropia da desagregação que, ao final, é vencida pela realidade caótica ao fazer surgir um produto acabado, a "partida jogada"! A rigor, não podemos esconder os fatos, esta é uma vitória do caos contra a entropia somente ao nível de disputa de torneio, permanecendo vitoriosa a entropia ao mesmo nível de condução da partida ao fazê-la desaparecer do cenário da luta enxadrística.

- 009 -

INTERMEZZO: UM PEQUENO RESUMO

Acredito na importância de um resumo para organizar e consolidar as dissertações até aqui.

No início do mundo era a desordem, mas aos poucos, para sua segurança, o homem foi controlando-o pelos mitos agora governado pelos ritos. Daí surgiu a tradição como forma de manutenção e conservação da ordem alcançada. Mais um passo e despontou a religião, seguida pela filosofia, que logo se assenhorearam da moralidade e das condutas a serem seguidas.

Entrementes, com a autonomia da ciência, rompe-se o discurso mítico, esvaziam-se os ritos e se impõem a descrença na tradição, o que fez surgir uma "nova ordem", que gerou uma "nova cultura" e que, por fim, criou uma "nova tradição", a da modernidade.

Quando tudo finalmente parecia, quantificado, ordenado e previsível, como o mecanicismo de um relógio da marca DLN (Descartes-Laplace-Newton), Poincarè descobre que na natureza nada é uniforme e ordenado, logo previsível! Mas o modernismo, teimoso, se recusa a admitir a hipótese da desordem, se recusa admitir que aquelas pequenas aproximações da física cartesiana, como por exemplo a clássica

CICLO DE PALESTRAS DO CLUBE DE XADREZ DE CURITIBA - 03 DE JUNHO DE 2009

<> Henrique Marinho - TEORIA DO CAOS & XADREZ DINÂMICO <>

aproximação "considerando o coeficiente de atrito igual a zero", sabendo-se que nunca é zero, nada mais eram que as "condições iniciais" de uma superdependência hipersensível que levaria a resultados inesperados e catastróficos das séries temporais evolutivas dos fatos.

Atualmente com a teoria do caos as raízes primitivas do mito, do rito e da tradição voltaram com força quando pensadores do porte de um Henri Poincaré (1842-1912), os pós-modernistas e globalizados, descobriram que a natureza não era tão certinha como pensavam! É nesse contexto de "Uma Estranha Realidade" (Castanheda, C.; Editora Record; São Paulo 1971) que se insere o novo visual aqui descrito do xadrez dinâmico.

- 010 - DINÂMICA NÃO LINEAR

No final do século XIX, Poincaré (sempre ele!) introduziu um ponto de vista novo na matemática, a topologia, enfatizando aspectos qualitativos (em vez de apenas quantitativos) do movimento. A dinâmica não linear de hoje é fruto deste ponto de vista e, como matéria multidisciplinar que é, nela se pode encaixar perfeitamente o xadrez dinâmico.

A primeira estrutura da ordem conceitual (estrutura 1.1) do xadrez dinâmico é sua dinâmica não linear (estrutura 11.1), e o seu desenvolvimento em regime de instabilidade, imprevisibilidade e incontrolabilidade que, numa primeira visão, seria própria do caos. Então o xadrez dinâmico, livre das amarras cartesianas dos controles dados pela solução analítica, posto que além do horizonte de eventos do jogador, é o próprio caos posto sobre o tabuleiro!

Nessa confusão, se é que podemos falar em confusão nessa altura dos acontecimentos, o jogador trabalha em rede onde tudo depende de tudo pelas conexões e desequilíbrios que vão aparecendo por força da ação dos "feedback positivos". Neste ambiente denso, duas proposições foram tentadas para sua compreensão: explicação pela teoria da complexidade e pela interpretação estética da realidade.

A teoria da complexidade é a soma de outras teorias: teoria do caos, fractais, teoria das catástrofes e a lógica *fuzzy*. Neste trabalho recorreremos à teoria do caos para tentar explicar, a posteriori, o que acontece além do horizonte de eventos do jogador do ponto de vista praxiológico, porque na prática do xadrez dinâmico o jogador, agora em tempo real, deve procurar a sintetização holística desse estranho "Universo" (Graça Aranha) como o entendimento e a expressão da sua criatividade.

- 011 - DETERMINISMO OCULTO

Aconteça o que acontecer, depois de tudo terminar na partida é que se consegue fazer as ilações dos

encadeamentos ocorridos durante sua condução, como se tudo fora obra do destino. O que ocorreu é porque tinha de ocorrer, constatação óbvia feita a posteriori mas provada pela partida jogada e aberta à posteridade! Apesar disso, muitos não aceitam a partida jogada por que se tivesse sido feito isso ou aquilo nunca haveria essa partida. A partida jogada é a materialização do determinismo oculto (estrutura 11.2) à espreita dos jogadores.

É o jogador a mercê do horizonte de eventos da partida (ver 003), o que equivale dizer à mercê da sorte, ou melhor ainda, à mercê da deusa Fortuna que, no seu ordenamento geral do mundo, "cega o espírito dos homens quando ela não quer que eles se oponham a seus desígnios" (Maquiavel), mas favorece o jogador de "virtù" (idem) dando a ele a "occasione" (idem) de reconhecer a conjuntura que lhe é oferecida para ser usada em proveito próprio. Por isso que o jogador de "virtù" sabe como fazer para "ajudar a Fortuna e não se lhe opor; urdir os fios de sua trama e não os arrebentar" (idem).

Neste modelo caótico está imerso o xadrez dinâmico que agora sabemos, governado pelo determinismo oculto (estrutura 11.2) iniciado pela "dependência sensível das condições iniciais" (estrutura 11.2.1). Em outras palavras, o desencadeador desse determinismo oculto, sua "condição inicial", pode estar em um fato posicional, pessoal ou ambiental, do jogador ou do adversário, até do árbitro ou da assistência, fato este que, por gerar severa "dependência sensível das condições iniciais", acaba por governar toda a partida.

Nesta estrutura 11.2.1 está a chave do entendimento do caos em geral e do xadrez dinâmico em particular: uma pequena causa no presente da partida, ou antes, muitas vezes imperceptível, vai influenciar por toda a partida até seu término num resultado esportivo.

- 012 - A CONTINUIDADE DA CONDIÇÃO INICIAL

A condição inicial tende a ser única, pois é de onde tudo o mais decorre. Por isso que ela exerce uma influência continuada na partida à medida que evolui pelos fenômenos da "bifurcação" (estrutura 11.2.2) que leva a partida às "transformações radicais" daquela antiga condição inicial.

Tal evolução pressupõe a trajetória de um determinismo oculto em cumprimento de seu destino. As palavras que se poderiam dirigir ao jogador, agora preso no horizonte de eventos da causa inicial, ou seja, no horizonte de eventos da posição, onde se debate ante bifurcações e transformações radicais, é o clássico "Lasciate ogni speranza voi ch'entrate" (Dante).

Curiosamente, o caos que no início tinha o pressuposto da desordem, da imprevisibilidade e do desequilíbrio, em teoria se volta agora para a concepção de destino, ainda que considerado a posteriori! Que tamanho de volta se deu nessa evolução!

CICLO DE PALESTRAS DO CLUBE DE XADREZ DE CURITIBA - 03 DE JUNHO DE 2009

<> Henrique Marinho - TEORIA DO CAOS & XADREZ DINÂMICO <>

- 013 - AUTO-REGULAÇÃO

Se a evolução caótica da partida, desde sua condição inicial, vai se dando pelas bifurcações que a Fortuna apresenta para escolha dos jogadores, no plano geral da partida, apesar de suas transformações radicais, ela vai cumprindo os desígnios do determinismo oculto sempre presente no ambiente caótico, e que somente torna-se perceptível ao final do processo como uma espécie de "auto-regulação" (Prigogine, 1977) do caos.

A auto-regulação (estrutura 112.3), tanto quanto a dependência sensível da condição inicial, são fatos portentosos na teoria do caos! A auto-regulação do caos é a razão, por exemplo, de estarmos escrevendo este artigo e você leitor, lendo-o!

Essa "auto-regulação" descrita por Prigogine em 1977, também existia lá no início do xadrez dinâmico em 1963, quando ainda não havia cunhado o termo xadrez dinâmico e empregava o conceito de "a iniciativa que se basta a si mesma"; com isso querendo dizer: jogue com a iniciativa, sempre com a iniciativa, se o adversário se livrou de uma complicação crie outra complicação, force o adversário sempre a responder, que no fim tudo a deusa Fortuna o recompensará com os seus desígnios.

- 014 - SINTETIZAÇÃO HOLÍSTICA

Dada a apreciação essencialmente teórica do caos (estruturas 11.1 e 11.2), como preparar a sua práxis? Resposta: pela resolução dessa ordem conceitual numa entidade praxiológica dada pela sintetização holística da posição, sintetização esta feita momento a momento da partida, logo em tempo real da partida.

Pela complexidade do caos e a variabilidade de suas perturbações sempre presentes, a sintetização global da posição somente poderá ocorrer pela percepção das formas e ritmos do xadrez dinâmico que proliferam sobre a situação retratada no tabuleiro. De modos que não cabe o emprego da solução analítica (cartesiana), mas a solução filosófica porque "o Universo [da partida] só pode ser sentido, entendido, interpretado como função estética do nosso espírito" (Graça Aranha), orientados por seus atratores.

- 015 - GRANDE ATRATOR

A princípio a força do grande atrator: "jogar para ganhar sem pensar na vitória" (H. Marinho, 1963).

Este é um atrator extraordinário! Quando não o resistimos e deixamos-nos transportar pela força de sua gravitação, o ego desaparece e com ele os desejos, a pessoa morre e o enxadrísta assume a liberdade para jogar!

"O desejo [de ganhar ou de não perder] pode fracionar-se em muitos impulsos opostos e em conflito

entre si; mas é tudo desejo. Esses impulsos numerosos concorrem para a formação do ego, com suas memórias, ansiedades, temores, etc. Pode o ego em algum tempo libertar-se da auto-escravização e suas ilusões? Pode o ego intentar a negação de si mesmo? Não deve o ego deixar de existir para que tenha existência o "sem nome" (Krishnamurti). Chegado a esse encontro com o grande atrator, não mais é o ego do jogador que conduz a partida, mas uma entidade "sem nome" livre e atualizada no tempo real da partida, que sabe apreciar a estética do universo dessa partida e captar suas benesses da auto-regulação.

"Jogar para ganhar sem pensar na vitória" tem a ver com estas reflexões que o leitor deverá aprofundar.

- 016 - PEQUENOS ATRADORES

Com estética do grande atrator desaparece o ego, em consequência, desaparece o próprio grande atrator, agora substituído por uma plêiade de pequenos atratores (estrutura 113.2) fazendo a interface jogador-posição. Então, o que restou do ego, a entidade "sem nome" de Krishnamurti, contactua diretamente com a posição, sem intermediários, exatamente pela estética desses pequenos atratores.

Agora estamos na ante câmara da operacionalidade que se realizará na superestrutura "ritmo do xadrez dinâmico" (estrutura 2).

Estes pequenos atratores, a "constante operacional" (estrutura 12.1) são conhecidos no pensamento estratégico chinês como "potenciais de situação" (Jullien, F.; *Tratado da Eficácia*; Editora 34; São Paulo 1998), cuja função é regular a aproximação da decisão tática ou impedi-la ao adversário. Ou seja, estamos no mundo da ação, e ao aceitarmos ser transportados pelos pequenos atratores, "o sucesso não vem de mim provém de uma ação exterior a mim" (Jullien).

Mas os pequenos atratores podem ser fiéis ou infiéis! A fidelidade ou infidelidade dos pequenos atratores ao jogador vai depender da sua "virtù" (Maquiavel), porque somente o jogador de "virtù" é que se deixará transportar pelos potenciais de situação e assim chegar à decisão favorável. Os que não têm "virtù" se lhe resistirão por achar muito arriscado ou deixarão de ve-lo por seguirem uma linha oposta a que vinha desenvolvendo.

A estética dos pequenos atratores da operacionalidade tornar-se-ão, à menor resistência do jogador a seus desígnios, de pequenos atratores a atratores estranhos regulando o erro para fazer o jogador incorrer na desgraça.

- 017 - ORDEM OPERACIONAL

Acostumados à visão cartesiana na resolução dos problemas, tomamos a desordem do caos como grandeza depreciativa já que sempre voltados para a

CICLO DE PALESTRAS DO CLUBE DE XADREZ DE CURITIBA - 03 DE JUNHO DE 2009

<> Henrique Marinho - TEORIA DO CAOS & XADREZ DINÂMICO <>

segurança e a previsibilidade das certezas da solução analítica. Se voltarmos para as incertezas e riscos do xadrez dinâmico pelo emprego da solução filosófica, logo nos encontraremos com o a estética do ritmo do xadrez dinâmico por saber que "somente a ação arriscada poderia enfrentar a imprevisibilidade das coisas" (Jullien).

A interpretação do xadrez dinâmico pela teoria do caos se insere nesse propósito de nos aproximar de sua práxis, cuja exposição vai preparar o jogador para a prática consciente do xadrez dinâmico, ou quando se vê atolado no enfrentamento direto que lhe imposto.

- 018 -

MAQUIAVEL: O PRÍNCIPE, CAPÍTULO 25

Neste capítulo d'O Príncipe, Maquiavel trata "De quanto pode a Fortuna nas coisas humanas e de que modo se lhe deve resistir". Quer dizer: como ceder às tentações da sorte na condução da partida e de que modo lhe resistir quando ela se volta contra nós em benefício do adversário.

Na sua expedição contra Bologna, apesar de protegida por Veneza e Espanha, escreveu Maquiavel, "o Papa Júlio II procedeu impetuosamente, mas por encontrar o tempo e as coisas conforme o seu modo de proceder, sempre alcançou o êxito. ... Júlio II realizou, portanto, com sua atitude impetuosa o que nenhum outro Pontífice, com toda a humana prudência, poderia realizar pois se a partir de Roma, esperasse ter todos os planos assentados e tudo organizado, como qualquer outro Pontífice teria feito, jamais teria conseguido o que conseguiu, porque o rei de França teria arranjado mil desculpas e outros lhe teriam infundido mil receios. Não quero falar das suas outras ações todas iguais e todas felizes. A brevidade do seu reinado não lhe fez experimentar reveses; mas se chegasse o tempo de proceder com circunspeção, ter-se-ia verificado a sua ruína, ele que nunca se desviaria do rumo para o qual o impelia a sua natureza."

Comentário: o Papa Júlio II tinha fé no resultado positivo do que fazia por saber que tudo era imprevisível, para os dois lados, então, sendo impetuoso, forçava o risco para governar a imprevisibilidade. Uma estratégia sem planejamento de longo prazo. O racionalismo de nosso tempo abjura a consciência da fé, que remove montanhas, como motivo da ação em tempo real, mas admite sorrrateiramente, a fé disfarçada em razão estatística para agir e depois do êxito, eliminá-la das explicações como se tudo cartesianamente previsto. A aplicação da solução filosófica, que governa o ritmo de xadrez dinâmico (estrutura 2) é, sobretudo, um ato de fé, aliás, de fé fervorosa no entendimento estético de sua aplicação! Durante a ação não se pensa no sucesso ou no fracasso.

"Para que nosso livre arbítrio não desapareça, considero que pode ser verdadeiro que a Fortuna seja

dona da metade de nossas ações, mas que, ainda assim, ela nos deixe governar por quase a outra metade".

Comentário: se a solução filosófica governa a operacionalização, a Fortuna governa a solução filosófica. Mas isto não quer dizer que não temos o livre arbítrio de decidir por esta ou aquela bifurcação, ou mesmo criar uma condição inicial. A tentação é grande pela ortodoxia da solução analítica, justamente a atração estimulada pela Fortuna para arruinar o jogador sem "virtù". Para resistir à Fortuna é necessário "virtù" porque enquanto ela pode lhe oferecer o mundo, também pode lhe retirar até o ar que se respira.

De um ponto de vista geral, para se contar com a proteção da deusa Fortuna, "tenho a opinião de que é melhor ser corajoso do que prudente, porque a Fortuna é mulher e para mantê-la submissa, é necessário bater-lhe e contrariar-lhe, porque como se vê comumente, ela se deixa vencer mais por estes do que pelos que procedem friamente. É por isso que ela, como mulher, é mais amiga dos jovens porque eles têm menos respeito, com mais ferocidade e com mais audácia a comandam".

Comentário: nessa alegoria de Maquiavel esconde-se a regra de ouro do caos, a de que o caos tende a se auto-organizar (Prigogine, 1977), inclusive criando uma nova realidade, a despeito da imensa força da entropia. Na minha juventude, entre 1963 e 1965, jogava com "a iniciativa que basta a si mesma", atendendo a Maquiavel no tratamento à deusa Fortuna, e a que Prigogine iria estabelecer em 1977 como "auto-regulação" do caos. Quando mudei, em 1967, para xadrez dinâmico, teorizando para melhor esclarecer os debates, como se mudasse da arte para a ciência, da prática para a teoria, começa a decadência do xadrez dinâmico que cessou em 1971.

- 019 -

PETROSIAN - SCHMIDT
OLIMPIADAS, SKOPJE 1972

Petrosian sem apelar para sacrifícios verdadeiros (risco positivo), mas correndo a riscos negativos (empatar quando está desejando ganhar!) se coloca, e a seu adversário, numa partida em "sistema aberto", quer dizer, *fora* do horizonte de eventos de ambos os jogadores, mas *dentro* do horizonte de eventos da partida com a criação de sua "condição inicial"! O que levou a essa situação foram as repetidas infringências à normalidade posicional de cunho cartesiano cometidas por Petrosian. E da parte de Schmidt, sua luta para manter a segurança de um sistema fechado. Essa dialética inicial descreve o surgimento das novas sínteses.

1. c4 ♖f6 2. ♗c3 d5 3. cxd5!

Muito provavelmente negras esperavam entrar num Gambito de Dama após 3.d4 e6 já que a presença do ♗f6, que não tinha a preferência de Petrosian,

CICLO DE PALESTRAS DO CLUBE DE XADREZ DE CURITIBA - 03 DE JUNHO DE 2009

<> Henrique Marinho - TEORIA DO CAOS & XADREZ DINÂMICO <>

poderia ser um estímulo para que o grande mestre armênio jogasse esse gambito. Nota: a Variante Petrosian é 1.d4 d5 2.c4 e6 3.♖c3 ♕e7 com a idéia de dificultar a clássica cravada ♗g5 das brancas com consequências sobre o ataque de minorias, por exemplo.

Se negras realmente pensaram desta maneira estavam adotando uma atitude ortodoxa desde os primeiros lances ao entender a partida como um sistema fechado onde tudo é conhecido e controlado. Essa postura ortodoxa toma a partida como um sistema fechado e nessa conjuntura, entre outras, estaria prejudicando a governação do grande atrator do xadrez dinâmico, "jogar para ganhar sem pensar na vitória".

Se a mente do jogador de negras impedia a ação do grande atrator, então como se comportava? Uma idéia seria a de que estava jogando para empatar pensando no empate, ou mesmo jogando para ganhar pensando na vitória, ou seja, reforçando ao máximo o próprio ego em seus condicionamentos a partir de um conceito como, por exemplo, "a desgraça da derrota", etc.

O lance do texto 3.cxd5 não pode ser considerado como a "condição inicial" (estrutura 112.1) por não conduzir a partida para um sistema aberto. Entretanto, é um forte indicador de que Petrosian está prescindindo da teoria das aberturas, joga as posições de abertura como de meio-jogo fossem, na tentativa de desde logo já estar em busca de dotar a partida como um sistema aberto. Daí a razão da troca 3.cxd5 que, no mínimo, evitaria a ortodoxia buscada pelo condutor de negras num eventual Gambito de Dama.

Estes comentários colocam em evidência o fato de que, mesmo que a "condição inicial" seja um fato concreto sobre o tabuleiro, como por exemplo um lance, ainda assim sua origem e consistência deve ser procurada no pensamento estratégico do jogador.

3 ...♗xd5 4. g3 g6 5. ♗g2! ♖b6

Com 5 ...♗xc3 negras ganham um tempo e com o lance do texto, 5 ...♖b6, perdem um tempo. Uma legítima perda de tempo seria voltar com 5 ...♖f6, onde estaria uma concepção mais revolucionária no sentido de sair dos caminhos da abertura.

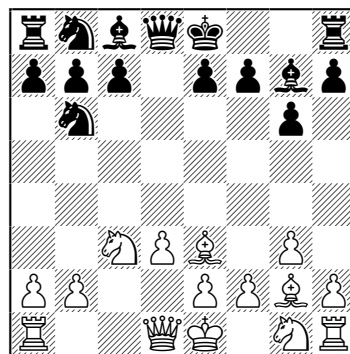
Independente dessa questão de ganhar ou perder tempos, o que se impõe é considerar que 5...♗xc3 não foi jogado a partir do raciocínio de que depois de 6.bxc3 brancas reforçariam o centro, trazendo um peão lateral mais para o centro. Tomando este raciocínio como prevalente, podemos entender que a estratégia negras é a de jogarem uma partida consolidada nas ortodoxias de um sistema fechado anti-caótico!

6. d3 ♗g7 7. ♗e3!

(ver diagrama 2)

Não é comum colocar, ainda na abertura, uma peça na frente de um peão central. Certamente que este lance, somado à tendência demonstrada com 3.cxd5, retira a partida de um sistema fechado, mas ainda assim seria possível considerar 7.♗e3! como a "condição inicial" (o bater da asa da borboleta) do

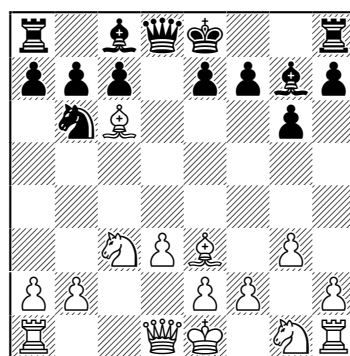
"determinismo oculto" (estrutura 11.2) mesmo porque ainda não podemos falar em caos na partida. Mas estamos muito perto pois a sequência de lances 1.c4, 3.cxd5, 6.d3 e 7.♗e3, no seu conjunto, demonstra uma inequívoca vontade de transpor o "horizonte de eventos" dos jogadores (estrutura 111.1) para, depois do surgimento de uma "condição inicial", deixar a partida presa no campo gravitacional do seu horizonte de eventos dessa condição inicial.



Diag. 2- Lance estranho

Novamente precisamos refletir sobre a natureza da "condição inicial" e da sua implementação. No caso desta partida, essa "condição inicial" não é um fenômeno natural, mas produto de um raciocínio maquiavélico que se desenvolve em direção ao caos. Em outras ocasiões a condição inicial é fortuita, nem o jogador sabe, logo um fenômeno natural. E inclusive existe o meio termo, quando o jogador joga para ver o que vai acontecer e o lance acaba sendo uma condição inicial. Este ponto, que caracteriza a natureza da causa inicial, requer toda uma dissertação em separado!

7 ...♗c6 8. ♗xc6+!



Diag. 3- Lance mais estranho

Petrosian troca seu bispo do fianchetto pelo cavalo das negras, uma decisão nada cartesiana, mesmo diante da sábia argumentação de que dobra peões negros numa coluna aberta.

Considero nada cartesiana essa decisão porque:

(a) a coluna-c poderá ser fechada após ...♗xc3 quando os peões dobrados reforçados em si mesmo

CICLO DE PALESTRAS DO CLUBE DE XADREZ DE CURITIBA - 03 DE JUNHO DE 2009

<> Henrique Marinho - TEORIA DO CAOS & XADREZ DINÂMICO <>

pelo fechamento da coluna-c, reforçariam o centro negro sem outras preocupações;

(b) com essa troca brancas cedem o par de bispos às negras;

(c) brancas se desfazem de seu bispo do fianchetto, uma conduta somente justificável diante de alguma idéia assombrosa.

Talvez essa idéia assombrosa seja a justificativa de tudo! Diante da irreversibilidade dos fatos e do respectivo comprometimento, estamos diante de uma conduta arriscada, logo podemos entender esta troca como a "condição inicial" da fúria do caos em busca de sua "auto-regulação" (estrutura 112.3) num resultado esportivo sobre o qual agora não se pensa.

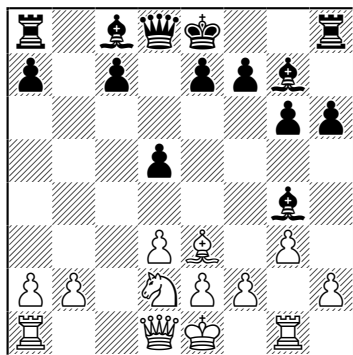
8 ...bxc6 9. ♖c1

Controla ...♗xc3 (caráter defensivo), aponta para o peão c6 e disponibiliza ♗h6 (carater ofensivo), o que quer dizer um lance de múltiplos propósitos em linhas interiores com vastos efeitos no exterior. Mais ortodoxo seria ♖d2 seguido de ♗c1, mas o esclarecimento da posição por sua reversão ao sistema fechado não é o que buscam brancas. De todas as formas este é um bom exemplo de bifurcação: com ♖c1 estabelece-se um "feedback positivo" (estrutura 2.1), mas com ♖d2 haveria um "feedback negativo" (estrutura 2.2).

9 ...h6 10. ♗f3 ♗h3 11. ♗g1!

É claro que brancas g4 eventualmente poderia vir a ser uma ameaça, mas o lance 11. ♗g1 tem o significado de renúncia definitiva ao roque menor. Também é um feedback positivo na cadeia representativa da fúria do caos em busca de sua "auto-regulação".

11 ...♗g4 12. ♗d2 ♗d5 13. ♗xd5! cxd5



Diag. 4- Desdobramento do peão

Com esta troca brancas reforçam a configuração de peões negros antes enfraquecida e acentuam a desvantagem de "bispo e cavalo" pelo "par de bispos". Esta seria a explicação oficial, ortodoxa. Entretanto, após esta troca há um visível aumento do desequilíbrio na partida (feedback positivo), aumento este que repercute da "condição inicial" dada pelo lance 8. ♗xc6! que se multiplica.

Quanto maior o desequilíbrio maior o potencial de criatividade, o equilíbrio é a morte da criatividade. Nessa altura da partida Petrosian jogava no horizonte

de eventos da posição dada pela condição inicial 8. ♗xc6 explorando os desequilíbrios do sistema aberto. Tudo uma questão de fé numa decisão favorável dentro das favorabilidades da conjuntura.

14. ♗b3 ♖d6 15. f3 ♗d7 16. d4

Seguramente que 16.d4 é clássico: fortalece a casa c5 e mantém atrasado o peão c7 branco. O segredo é ver este fato apenas como uma questão operacional de desequilíbrio, e não como um tema estratégico a ser explorado como objetivo intermediário. Esta é uma cilada que a Fortuna lança à nossa consideração, mas agindo com "virtù", vemos tudo como que numa situação de desequilíbrio, continuando nas condições existentes dentro do horizonte de evento dado pela condição inicial que caracterizou o xadrez dinâmico.

16 ...♗b8 17. ♗f2 h5 18. ♗f4 e5 19. dxe5 ♗xe5 20. ♖e3 f6 21. ♖xa7!

Essa captura é uma dispersão de forças, no caso uma dispersão de dama, o caso mais sério da modalidade. Quantas partidas Morphy venceu permitindo capturas com damas que a dispersavam. Mesmo Capablanca ganhou uma partida famosa de Nimzowitsch (São Petersburgo 1914), com o mesmo estratagema.

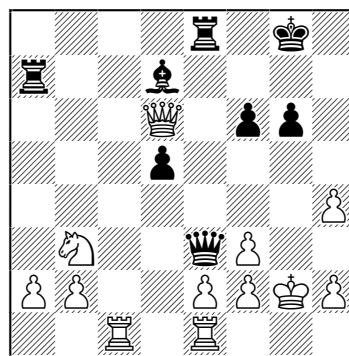
Neste caso da partida que estamos analisando, a questão do risco tem duas facetas:

(a) para negras, que sacrifica seus peões, assumem a responsabilidade de decidir a partida antes que esta vá para um final quando brancas vencerão facilmente com sua vantagem material.

(b) para brancas, o risco é de caráter negativo pois ao ir de encontro aos peões negros laterais, em consequência desvia a dama da ação central que exercia, deixando a possibilidade de contra-ataque.

De todas as formas, deste ou daquele ponto de vista, ocorre um acentuado aumento dos desequilíbrios na partida.

21 ...O-O 22. ♗ac1 ♗fe8 23. ♗xe5 ♖xe5 24. ♗ge1 ♗a8 25. ♖xc7 ♖e3+ 26. ♗g2 ♗a7 27. ♖d6 h4 28. g×h4!



Diag. 5

Novo lance e fora das especificações cartesianas pois enfraquece a ala de rei onde negras atacam. Agora enfraquecem sua ala de rei tomando o peão com o peão que defende ao próprio rei. Note que Petrosian está

CICLO DE PALESTRAS DO CLUBE DE XADREZ DE CURITIBA - 03 DE JUNHO DE 2009

<> Henrique Marinho - TEORIA DO CAOS & XADREZ DINÂMICO <>

criando atratores caóticos para negras se divertirem enquanto ganha material.

28 ...♙e6!

O lance defende o peão-e6, mas possibilita ♗g7 após brancas jogarem ♖g3 e ♗×g6, o que comprova que 28.gxh4 foi um lance caótico!

29. ♖c3 ♗h6 30. a3 ♖d7 31. ♗g3 d4 32. ♖d3 ♙×b3 33. ♖×b3 ♗d2 34. ♙f1 ♙h7 35. ♖b8

Petrosian desde o início tem se deixado transportar pelos "potenciais de situação" (Jullien), as peças brancas se cruzando em apoios mútuos à distância. Tudo isso representa a propriedade de "auto-regulação" do caos.

35 ...♖e5 36. ♗g4 f5 37. ♗g5 ♖e3 38. ♗f6 1-0

A partida é caótica, jogada apenas no curto prazo, aparentemente sem um objetivo futuro. Mas ao final, pela auto-regulação do caos, tudo se encaixa e brancas venceram.

- 020 -

JOSÉ HOLMANN - HENRIQUE MARINHO
CAMPINAS, 03/12/1963

Não sei se esta partida foi jogada como semi-pensada (sem relógio), modalidade muito apreciada por José Holmann, o ex-campeão paranaense de 1943 (ano em que nasci!).

Holmann era um jogador formado fora de Campinas, seu estilo era agressivo e não possuía o posicionalismo da escola campineira muito influenciado pelo livro "Jogo de Posição", de Erich Eliskases. Holmann era solteiro e muito fechado como todo judeu solitário, mas gostava de jogar partidas amistosas semi-pensadas que duravam em torno de 30 minutos, sempre com o cigarro na boca e as cinzas caindo sobre o tabuleiro totalmente absorto na partida.

Mas ainda estou em dúvida se não se trata de uma Blitz 5', embora não me lembre de ter jogado Blitz contra José Holmann, nem se esta partida foi jogada no Clube de Xadrez de Campinas ou na Academia Campineira de Xadrez.

Considerando que o xadrez dinâmico começa em junho de 1963, partida Armando Rizzoni - Henrique Marinho (ver a palestra Introdução ao Xadrez Dinâmico), quando desta partida faziam apenas 6 meses de prática do novo estilo de jogo, mas uma prática restrita como minha própria carreira enxadrística.

1.e4 c5 2.♖f3 d6 3.d4 c×d4 4.♖×d4 ♖f6 5.♖c3 h6

(ver diagrama 6)

Neste dia joguei duas partidas contra Holmann, esta foi a primeira, e me lembro como hoje que joguei o lance do texto 5...h6 como inspiração do momento, apenas para ver o que iria acontecer.

O curioso é que nunca mais voltei a jogar este lance apesar de seu êxito nesta partida!

Considero 5 ...h6 como um exemplo acabado da denominada "condição inicial" da dependência sensível

de tudo o que vai acontecer na partida. Nada foi previsto, muito menos calculado. Trata-se apenas de um lance sobre o tabuleiro, também como aconteceu na partida de Petrosian, mas fica sempre a concepção de haver nessa "dependência sensível das condições iniciais" como que uma mescla com o que acontece na partida com o que se apresenta na cabeça de ambos os jogadores. No meu caso, como disse antes, joguei apenas para variar e ver o que vai acontecer.

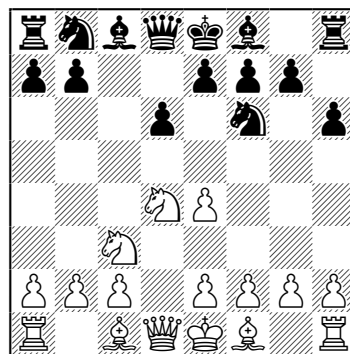
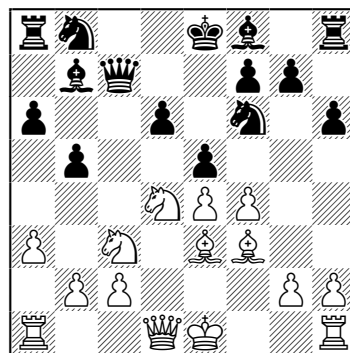


Fig. 6- "Novidade teórica"

É incrível poder observar como brancas são atraídas pelo campo gravitacional desse lance, cujo reflexo foi desenvolvê-lo em proveito das negras.

6.♙e2 a6 7.♙e3 ♗c7 8.f4 b5 9.♙f3 ♙b7 10.a3 e5



Diag. 7

Se observarmos de um ponto de vista cartesiano, os lances h6-e5 negros são incompatíveis com o desenvolvimento b5-♙b7 por deixar fraca a casa f5. Muito provavelmente essa debilidade e sua exploração, ou tentativa de exploração, era uma bifurcação que a Fortuna colocou no caminho de Holmann. E o campeão paranaense e várias vezes campeão do Interior de São Paulo, quiz tirar proveito dessa situação, mas só acabou favorecendo a situação caótica da partida (sistema aberto) dada pelo lance 5 ...h6. Os próximos lances aconteceram naturalmente, sem cálculos de variantes. Aliás, nesta partida, somente em um dado momento realizei algum cálculo e mínimo!

11.♖f5 g6 12.♖g3 ♖bd7 13.f5

Parece incrível mas brancas jogam tentando se aproveitar da situação criada na ala de rei, entra em

CICLO DE PALESTRAS DO CLUBE DE XADREZ DE CURITIBA - 03 DE JUNHO DE 2009

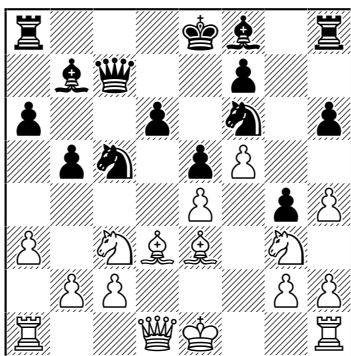
<> Henrique Marinho - TEORIA DO CAOS & XADREZ DINÂMICO <>

bifurcações caóticas sem se dar conta de que estaria sendo manipulado pela deusa Fortuna.

13 ...g5! 14.h4

Ao continuar operando indevidamente na ala de rei acabam por dar novas chances às negras. A partida se mostra como um cabal exemplo de dependência sensível das condições iniciais por transformações radicais resultante do simples e quieto lance 5 ...h6.

14 ...g4! 15.♗e2 ♖c5! 16.♗d3



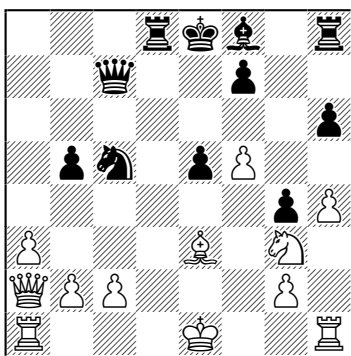
Diag. 8

Para defender o peão e4 triplamente atacado, ♗d3 corta a linha exterior de comunicações da ♖d1 sobre a casa d5, com isso propiciando a clássica ruptura da Siciliana, que realizei sem qualquer tipo de análise.

16 ...d5 17.exd5 ♗xd5 18.♗xb5+!

Aquí Holmann mostra que é jogador forte. Não vi este lance e pego de surpresa, percebi que após todas as trocas na casa d5 negras seguriam com ...♗d8 e a dama branca ficaria dispersada na casa a2, fora de jogo, pois somente poderia se dirigir à casa a2. Então prossegui normalmente.

18 ...a×b5 19.♗×d5 ♗×d5 20.♖×d5 ♗d8 21.♖a2



Diag. 9

Agora ocorrem uma série de lance severos, de iniciativa, que parece encaminhar a partida ao encontro da sua auto-regulação no caos do jogo negro. Mas isto não significa que eu estava controlando toda a situação, longe disso, eu estava simplesmente empurrando peças, sem saber no que iria dar acontecer. Na realidade, à época da partida, jogava tão somente

pensando na iniciativa que se basta a si mesma, superada a fase do grande atrator, jogar para ganhar sem pensar na vitória, com supressão do próprio ego.

21 ...e4 22.♗f2 ♗d6 23.♗e2

Colocada a partida no Fritz, este recomenda agora 23.♗h5 como a mais efetivo.

23 ...g3+ 24.♗g1 ♗d3!

Um sacrifício jogado na certeza de que seria aceito. Mas a questão é: colocar ou não colocar uma exclamação?! Ou uma interrogação?

25.cxd3 exd3 26.♗c3

O Fritz recomenda 26.♖b3!! e se agora 26 ...d×e2 27.♖×b5+ e segue 28.♖×e2 praticamente ganhando!

Penso que este lance não foi jogado por envolver a devolução da peça. Se era possível ganhar com uma peça a mais, porque pensar em devolver a peça? Penso que foi isto que passou pela cabeça de José Holmann naquele momento. São estas são imagens acadêmicas, até ortodoxas, que passam pelo inconsciente do jogador e o fazem optar por bifurcações desfavoráveis embora, a primeira vista, isenta de erro pelo alto grau de controle da situação que sugerem.

Agora a partida tem um arremate dramático mas ainda assim realizado sem a massa de cálculos que a situação poderia exigir. Simplesmente fui jogando de acordo com as circunstâncias, achando os lances à medida que eram pedidos, tudo em total liberdade!

26 ...♗c5 27.♗e1 ♖e5 28.♗d1 d2 29.♗e2 ♗xe3+ 30.♗×e3 ♖×e3+ 31.♗×e3 d1=♖+ 32.♗×d1 ♗×d1#

O mate do corredor antecipando a palestra do Justo Chemin 43 anos depois desta partida.

- 020 -
EPÍLOGO

Vou terminar da maneira mais rápida possível pois o assunto é vasto e os exemplos são inúmeros.

Citarei partidas anotadas em inglês para que o leitor possa colocá-las no Fritz, Hiarcs, Rybka, etc e reproduz-las. Para quem não tenha esses engines, sugiro usar o site online <http://www.lutano.net> na mesma base de copiar-colar.

Com esta facilidade de reprodução das partidas indicadas como exercício de descoberta do caos, recomendo começar por reproduz-las rapidamente, sem qualquer análise crítica, apenas sentido seu ritmo e estética das formas. Isso pode ser feito quantas vezes for necessário até chegar à estética da partida.

Lasker - Napier Cambridge Springs 1904

1.e4 c5 2.Nc3 Nc6 3.Nf3 g6 4.d4 cxd4 5.Nxd4 Bg7 6.Be3 d6 7.h3 Nf6 8.g4 O-O 9.g5 Ne8 10.h4 Nc7 11.f4 e5 12.Nde2 d5 13.exd5 Nd4 14.Nxd4 Nxd5 15.Nf5 Nxc3 16.Qxd8 Rxd8 17.Ne7+ Kh8 18.h5 Re8 19.Bc5 gxh5 20.Bc4 exf4 21.Bxf7 Ne4 22.Bxe8 Bxb2 23.Rb1 Bc3+ 24.Kf1 Bg4 25.Bxh5 Bxh5 26.Rxh5 Ng3+ 27.Kg2 Nxh5 28.Rxb7 a5 29.Rb3 Bg7 30.Rh3 Ng3 31.Kf3 Ra6 32.Kxf4 Ne2+ 33.Kf5 Nc3 34.a3 Na4 35.Be3 1-0

CICLO DE PALESTRAS DO CLUBE DE XADREZ DE CURITIBA - 03 DE JUNHO DE 2009

<> Henrique Marinho - TEORIA DO CAOS & XADREZ DINÂMICO <>

Tal - Panno

Portoroz 1958

1.e4 e5 2.Nf3 Nc6 3.Bb5 a6 4.Ba4 Nf6 5.O-O Be7 6.Re1 b5 7.Bb3 d6 8.c3 O-O 9.h3 Nd7 10.d4 Nb6 11. Be3 exd4 12.cxd4 Na5 13.Bc2 c5 14.e5 dxe5 15.Nxe5 Nbc4 16.Qd3 f5 17.Bb3 f4 18.Bd2 Nxb3 19.Nc6 Nxa1 20.Nxd8 Bf5 21.Qf3 Raxd8 22.Rxe7 Bxb1 23. Bxf4 Rxd4 24.Qg4 Bg6 25.Qe6+ Bf7 26.Qf5 Nc2 27. b3 Bg6 28.Rxg7+ Kxg7 29.Bh6+ Kxh6 30.Qxf8+ Kg5 31.bxc4 bxc4 32.g3 Be4 33.h4+ Kg4 34.Kh2 Bf5 35.Qf6 h6 36.Qe5 Re4 37.Qg7+ Kf3 38.Qc3+ Ne3 39.Kg1 Bg4 40.fxe3 h5 41.Qe1 Rxe3 42.Qf1+ Ke4 43.Qxc4+ Kf3 44.Qf1+ Ke4 45.Qxa6 Kd4 46.Qd6+ Kc4 47.a4 Re1+ 48.Kf2 Re2+ 49.Kf1 Ra2 50.Qa6+ Kd4+ 51.a5 c4 52.Qb6+ Kd5 53.a6 Ra1+ 54.Kf2 c3 55.a7 c2 56.Qb3+ Kd6 57.Qd3+ 1-0

Taimanov - Polugaevsky

Leningrado 1960

1.d4 d5 2.c4 dxc4 3. Nf3 Nf6 4. Qa4+ Nbd7 5. Nc3 e6 6. e4 c5 7. d5 exd5 8. e5 d4 9. Bxc4 dxc3 10. exf6 Qxf6 11. Bg5 Qc6 12. O-O-O cxb2+ 13.Kxb2 Be7 14. Rhe1 f6 15. Bb5 Qb6 16. Kc1 fxg5 17.Bxd7+ Kf8 18. Rxe7 Kxe7 19. Qe4+ Kd8 20.Bf5+ Kc7 21.Qe5+ Kc6 22. Rd6+ Kb5 23. Qb2+ 1-0

Tal - Hecht

Varna 1962

1.d4 Nf6 2.c4 e6 3.Nf3 b6 4.Nc3 Bb4 5.Bg5 Bb7 6. e3 h6 7.Bh4 Bxc3+ 8.bxc3 d6 9.Nd2 e5 10.f3 Qe7 11. e4 Nbd7 12.Bd3 Nf8 13.c5 dxc5 14.dxe5 Qxe5 15. Qa4+ c6 16.O-O Ng6 17.Nc4 Qe6 18.e5 b5 19. exf6 bxa4 20.fxg7 Rg8 21.Bf5 Nxh4 22.Bxe6 Ba6 23. Nd6+ Ke7 24.Bc4 Rxg7 25.g3 Kxd6 26.Bxa6 Nf5 27. Rab1 f6 28.Rfd1+ Ke7 29.Re1+ Kd6 30.Kf2 c4 31.g4 Ne7 32.Rb7 Rag8 33.Bxc4 Nd5 34.Bxd5 cxd5 35.Rb4 Rc8 36.Rxa4 Rxc3 37.Ra6+ Kc5 38.Rxf6 h5 39.h3 hxg4 40.hxg4 Rh7 41.g5 Rh5 42.Rf5 Rc2+ 43.Kg3 Kc4 44.Ree5 d4 45.g6 Rh1 46.Rc5+ Kd3 47.Rxc2 Kxc2 48.Kf4 Rg1 49.Rg5 1-0

Kuzmin - Dorfman

Lvov 1978

1.e4 c5 2.Nf3 d6 3. Bb5+ Nc6 4. O-O Bd7 5. Qe2 g6 6. e5 dxe5 7. Nxe5 Nxe5 8. Qxe5 Bxb5 9. Qxh8 Bxf1 10. Qxg8 Bxg2 11. Kxg2 Qd5+ 12. Kg1 Qg5+

13.Kf1 Qh5 14.Nc3 Qxh2 15.Nd1 Rc8 16.d3 c4 17. d4 Qh1+ 18. Ke2 Qh5+ 19. f3 Rc6 20. Nf2 Re6+ 21. Be3 Qh6 22.Ng4 Rxe3+ 23.Kf2 Rxf3+ 24.Kxf3 Qh3+ 25. Kf4 f5 26. Nf6+ exf6 27. Re1+ Kd7 28. Qf7+ Kc6 29. Qxc4+ Kd6 30. Qe6+ Kc7 31. Qf7+ Kc6 32. d5+ Kb6 33. Re6+ Ka5 34. Qc7+ Ka4 35. Qc4+ Ka5 36. Qc7+ Ka4 37. Qc4+ Ka5 38. Qc3+ Qxc3 39. bxc3 Kb5 40. Rxf6 Bh6+ 41. Kf3 Kc5 42. c4 Bg7 43. Re6 Bf8 44. Re8 1-0

Barash - Solan

Israel 1984

1.g4 e5 2.Bg2 Bc5 3.e3 Nc6 4.Nc3 d6 5.h3 h5 6.gxh5 Qg5 7.Bxc6+ bxc6 8.Qf3 d5 9.Nxd5 cxd5 10.Qxd5 Rb8 11.Qxc5 Bb7 12.Qxc7 Qg2 13.Qxb8+ Kd7 14. Qxa7 Qxh1 15.Ke2 Nf6 16.b3 Ra8 17.Qb6 Ba6+ 18. c4 Qxg1 19.Ba3 Qg2 20.Qd6+ Kc8 21.Rg1 Qe4 22. d3 Qb7 23.Rxg7 Qd7 24.Qxd7+ Nxd7 25.Rg8+ Kb7 26.Rxa8 Kxa8 27.Be7 1-0

Stellwagen - Anand

Baden Baden, 28/03/2009

1.e4 c5 2. Nf3 d6 3. d4 cxd4 4. Nxd4 Nf6 5. Nc3 a6 6.Bg5 e6 7.f4 Qb6 8.Qd2 Qxb2 9.Rb1 Qa3 10.e5 dxe5 11.fxe5 Nfd7 12.Ne4 h6 13. Bb5 axb5 14. Nxb5 hxg5 15. Nxa3 Rxa3 16. O-O Nc6 17. Rb5 Ra4 18. Nxc2 Ndx5 19. Rxe5 Nxe5 20. Qc3 Nc6 21. Rxf7 Ra5 22. Rxg7 Bc5+ 23.Kh1 Rf8 24.Qd3 Rxa2 25.h4 Ra1+ 26.Kh2 Bd4 27. Qg6+ Kd8 28. Rf7 Rxf7 29. Qxf7 Bg1+ 30.Kg3 e5 31. h5 Nd4 32. Qf6+ Kc7 33. Qxe5+ Kb6 34. Qd6+ Ka7 35. Qc5+ Kb8 36. Qd6+ Ka8 37. Qd8 Nf5+ 38. Kh3 Kb8 39. Ne6 Ra3+ 40. Kg4 Nh6+ 41.Kf4 Bh2+ 42. Ke4 Nf7 43. Qf8 Nd6+ 44. Kd4 Ka7 45.Nc5 Ra5 46.h6 Bg1+ 47. Kd3 Bf5+ 48. Qxf5 Nxf5 49. h7 Ra3+ 50. Nb3 Bd4 51. Ke4 Bh8 52. Kxf5 Ra2 0-1

Shirov - Carlsen

M-Tel Masters, Sofia 23/05/2009

1.e4 c5 2.Nf3 Nc6 3.d4 cxd4 4.Nxd4 Nf6 5. Nc3 e5 6.Ndb5 d6 7.Bg5 a6 8.Na3 b5 9.Bxf6 gxf6 10.Nd5 Bg7 11.Bd3 Ne7 12.Nxe7 Qxe7 13.c4 f5 14.O-O O-O 15.Qh5 Rb8 16.exf5 e4 17.Rae1 Bb7 18.Qg4 Rfe8 19. cxb5 d5 20.bxa6 Bc6 21.b3 Kh8 22.Nc2 Be5 23.Be2 d4 24.Bc4 Rg8 25.Qh3 Rg7 26.g3 Rbg8 27.Qh6 Qc7 28.Nb4 Ba8 29.Nd5 Qd8 30.Rxe4 1-0